

O CONCEITO DE SOTERIOLOGIA NA TRILOGIA RELIGIOSA DE GIL VICENTE, “O AUTO DA BARCA DO INFERNO, O AUTO DA BARCA DO PURGATÓRIO E O AUTO DA BARCA DA GLÓRIA”.

Autor: Marcos Alberto Galdino Costa
Mestrando em Ciências da Religião do Programa de Pós-Graduação da
Universidade Presbiteriana Mackenzie
E-mail: albertogaldino@mackenzista.com.br
Grupo: 15 Religião e Arte

1. RELEVÂNCIA DA PESQUISA

Este trabalho tem como alvo, mostrar o conceito de salvação no teatro religioso de Gil Vicente, “a trilogia das barcas”, dando-nos assim, uma oportunidade de percebermos a idéia popular e clerical a respeito de tão relevante assunto, em vésperas da Reforma Protestante.

Ainda tentaremos mostrar por meio do conceito de salvação de Gil Vicente que, tanto a salvação pela graça, quanto à salvação por méritos humanos, já eram fundamentos antigos e sólidos, influenciadores na vida cotidiana dos indivíduos, tanto no âmbito clerical quanto no laicato.

A salvação nas obras de Gil Vicente que são, tanto pelas obras como também, pela graça divina, mostram conceitos ensinados antes de Gil Vicente, durante sua vida e que perdura até nossos dias, e, que foram e ainda são aceitos pelas sociedades em suas mais variadas formas. Pois, há cristãos que entendem ser a salvação responsabilidade única do ser humano, outros entendem que é obra exclusiva de Deus e, outros que é obra de Deus com a cooperação do ser humano.

Temos ainda a pretensão de mostrar que a igreja com sua força religiosa e política, é formadora e transformadora de opiniões na sociedade onde ela está inserida.

1.1. OBJETIVOS.

Os objetivos deste trabalho são:

- Analisar o teatro religioso de Gil Vicente, em especial a trilogia das barcas, com o fim de compreendermos como era anunciada a salvação dos seres humanos pela igreja no final da Idade Média.
- Identificar na história, desde os dias apostólicos e pais da igreja, até os dias do dramaturgo português, os ensinamentos sobre a salvação e suas divergências, motivos de suas sátiras.

- Investigar a relação entre os ensinamentos da igreja católica sobre a salvação e o pensamento dos reformadores sobre o mesmo tema, pois, foi exatamente na questão das indulgências como meio de se adquirir a salvação que culminou com a Reforma Protestante.

- Compreender as tendências da igreja em nossos dias, com respeito ao ensino da salvação. Se houve mudanças para a sociedade, que tipos de mudanças aconteceram, ou se os ensinamentos nada mudou.

1.2. HIPÓTESES.

A pesquisa levanta as seguintes hipóteses:

- Gil Vicente homem católico e culto, sabia o latim, francês, castelhano e o italiano, leu livros sagrados e os pais da Igreja, observador dos costumes, dos vícios e da moral do povo e do clero, via a não correspondência entre os livros sagrados e os ensinamentos da Igreja. Então, apresenta uma outra proposta.

- A contradição entre pessoas de vidas promíscuas, como devassidão moral, abuso de autoridade, corrupção generalizada desde o clero ao camponês, do palácio ao casebre enquanto que a confiança em gozar da vida eterna no paraíso era garantida pela Igreja, e a confiança em serem salvos por meio de ofertas, orações, confissões entre outros, influenciaram os pensamentos do poeta português, de maneira que se manifestou contrário.

- Mesmo não pensando em reforma externa, Gil Vicente pode ser considerado um descontente que contribuiu para mudanças internas no seio da igreja católica, se não nos ensinamentos, pelo menos no comportamento daqueles que ensinava.

- É também possível ver nos autos de Gil Vicente, não apenas o entretenimento, mas também o apelo a uma nova maneira de viver na sociedade.

- Assim como foi inevitável o surgimento dos autos religiosos vicentinos como forma de repúdio às normas éticas e morais vividas na época do dramaturgo português, ensinadas pelo clero, é imprescindível que se pesquise em nossos dias, os ensinamentos da Igreja do século XXI, pois ensina todas as formas de salvação. Por obras, orações, confissões, méritos humanos e por exclusiva graça de Deus.

1.3. METODOLOGIA

Faremos a pesquisa por meio do método, analítico-descritivo, onde a parte histórica, isto é, descritivo será de ênfase maior, seguindo a análise das obras relacionadas ao tema. As análises serão feitas hermeneuticamente a fim de que consigamos os objetivos propostos.

1.4. SEQUÊNCIA DA ARGUMENTAÇÃO

A pesquisa inicia com uma investigação histórica da vida e obras de Gil Vicente. Procura organizar o contexto histórico de envolvimento direto do tema salvação, desde os dias da patrística até o final da Idade Média, época de maior ênfase na pesquisa, pois, é o período histórico de Gil Vicente. Na seqüência, se verificará a problemática da salvação na trilogia religiosa, os autos: da barca do inferno, do purgatório e da glória. Verificaremos ainda quais contribuições houveram para a época vicentina e que contribuições há para a sociedade hoje, além do entretenimento teatral e literário.

1.5. OBRAS RELEVANTES

Para a concretização do trabalho foram usadas fontes primárias e secundárias. As fontes primárias são os dois primeiros volumes da coleção de clássicos Sá da Costa com o prefácio e notas do prof. Marques Braga, onde incluem todas as dezessete obras de devoção ou religiosas de Gil Vicente. Para a análise da vida e obras de Gil Vicente foram usados os livros “vida e obras de Gil Vicente”, de Anselmo Braacamp Freire; “Gil Vicente e o Fim do Teatro Medieval” de Antonio José Saraiva e, “Obras Primas do Teatro Vicentino” do prof. Segismundo Spina.

Outras obras utilizadas com vistas ao desdobramento histórico da soteriologia, (tratado da salvação), são: “A Graça I” de Santo Agostinho, editado pela paulus; “Documentos da Igreja Cristã” de Henry Bettenson; “Uma história do Pensamento cristão” de Justo L. Gonzáles entre outros.

1.6. DEFINIÇÃO DO TERMO

O Estudo da Salvação (soteriologia) tem sido ao longo dos tempos, alvo de acalorados e importantes debates. Os apóstolos e pais da Igreja pregaram e ensinaram ser a pessoa de Cristo e sua obra redentora na cruz, os meios e fins da salvação eterna. Recebida pelo homem por meio da fé. Por exemplo, Justino de Roma, em uma discussão com o judeu Trifão, afirmou que não é pela obediência à Lei mosaica que o homem se salvará, e, sim, por meio da morte e ressurreição de Cristo. E que Deus nos ressuscitará e nos tornará incorruptíveis e imortais. Afirmou ainda que, *não se salvarão, por mais que sejam descendência de Abraão, os que vivem segundo a lei, mas não crêem em Cristo antes de morrer.* (JUSTINO, 1995, p. 179). Em sua primeira carta aos coríntios, Clemente escreveu:

Caríssimos, este é o caminho no qual encontramos a nossa salvação: Jesus Cristo, o sumo sacerdote de nossas ofertas, o protetor e o auxílio da nossa fraqueza. Por meio dele, fixamos nosso olhar nas alturas dos céus; por meio dele, contemplamos, como em espelho, sua face imaculada e incomparável; por meio dele, abriam-se os olhos do nosso coração; mediante ele, nossa mente obtusa e obscura refloresce para a luz; mediante ele, o Senhor quis fazer-nos experimentar o conhecimento imortal. (CLEMENTE, 1995, p. 49)

Até meados do séc. II a salvação em Cristo era apresentada sem controvérsias, porém, a partir da segunda metade do mesmo séc. II surgiu a controvérsia sobre a ressurreição da carne. Ireneu e Tertuliano defenderam a verdade da encarnação de Cristo (DICIONÁRIO PATRÍSTICO, 2002, P. 1310). Após o primeiro concílio ecumênico de Nicéia em 325, o cristocentrismo tomou forma na liturgia dando uma ênfase maior na salvação unicamente por meio de Cristo. Já no V séc., a doutrina da salvação chega ao seu ponto mais alto com Agostinho. Ele afirmou que os meios para a salvação se encontram em Deus, fora do alcance do homem. Afirmou também que Jesus Cristo é o único mediador entre Deus e os homens, que toda obra de salvação pertence a Deus, e, só após a eleição, o homem responde positivamente com uma vida de santificação. Neste mesmo séc. surgiu também uma das mais acirradas polêmicas soteriológicas, o pelagianismo: doutrina da liberdade humana para escolher ou rejeitar a salvação, isto é, os homens são capazes de salvarem-se a si mesmos. Pelágio foi um monge¹ britânico radicado em Roma, seus ensinamentos foram veementemente combatidos por Agostinho em suas obras doutrinárias da graça e da predestinação. Temos ainda o exemplo, tanto de Clemente de Alexandria quanto de Orígenes, que ensinaram: os homens que morressem sem que seus pecados fossem expiados, passariam pelo fogo a fim de que esta purificação viesse a acontecer (McGRATH, 2005, p. 640).

Baseando-se em 2 Macabeus 12.39-45, a igreja ensinou a oração pelo mortos para a salvação, doutrina consolidada no séc. IV. *“Quanto à doutrina do purgatório data-se no séc. VI por meio de Gregório o Grande em sua exposição de Mt. 12.32, escrita em 593 ou 594”*. (McGRATH, 2005, p. 641).

Assim, a soteriologia, caminha desde a segunda metade do II século em duas direções opostas: uma, Cristo, sua vida, morte e ressurreição são os meios e fins da salvação eterna, obra exclusiva de Deus. A outra, o homem é livre para buscar ou não esta salvação. É responsável por sua salvação ou condenação eterna. Controvérsias estas que transcorreram os tempos, influenciando a teologia e todo o cristianismo quanto a doutrina salvação.

É desta maneira que chegamos ao período final da Idade Média e início do Renascimento. Daí surgem-nos as seguintes perguntas: Que tipo de salvação a igreja ensinava para seus membros? Gil Vicente (1465 – 1537) estava certo em satirizar, por meio de suas obras, a doutrina da salvação ensinada por sua igreja? Não foi devido a soteriologia ensinada pela igreja que o monge agostiniano Martinho Lutero fixou as 95 teses na porta da igreja do castelo de Wittenberg em 31 de outubro de 1517? Será coincidência a data do ano do lançamento da obra de Gil Vicente, *O Auto da Barca do Inferno*, com a mesma data da Reforma Protestante?

¹ Justo Gonzáles, em *Uma história do pensamento cristão*, Vol. 2, p. 29 afirma que: *“embora ele seja freqüentemente referido como um monge, não é de forma nenhuma certo que ele tenha sido um”*.

2. O CONCEITO DE SOTERIOLOGIA NO TEATRO RELIGIOSO DE GIL VICENTE

A soteriologia é a parte da teologia sistemática que trata da salvação. Salvação do grego (swthri,a) cujo termo deriva de (swthr) salvador, e (logia) tratado. A soteriologia é definida como o discurso sobre a redenção ou salvação. É a doutrina cristã da salvação por meio da vida e obra de Jesus Cristo. É a doutrina que trata da aplicação das bênçãos salvíficas ao pecador, redimindo-o de seu estado corrupto, e, religando-o a Deus. Oferecendo-lhe os meios de graça a fim de que tenha uma vida de íntima comunhão com Deus. Isto se dá por meio da encarnação, morte vicária e ressurreição de Jesus Cristo. É o verdadeiro Deus que, tomando a forma de verdadeiro homem, veio à terra a fim de comunicar aos humanos a bênção da salvação eterna.

Muitas são as divergências e, conseqüentemente, muitas discussões a respeito da soteriologia. Um dos pais da igreja, Ireneu, defende a idéia de que por meio da encarnação de Cristo o homem alcança completamente a semelhança com o Deus imortal.

Quando Cristo se encarnou e assumiu a forma humana, ele recapitulou em si mesmo toda a história da raça humana, obtendo para nós a salvação, de forma que pudéssemos reconquistar em Jesus Cristo aquilo que havíamos perdido por meio de Adão, isto é, a condição de criaturas feitas à imagem e semelhança de Deus. (McGRATH, P.467, 2005)

No concílio de Nicéia (325), a soteriologia tomou rumos relevantes. Eusébio de Cesaréia glorifica Cristo como o verdadeiro imperador, influenciando tanto a liturgia como a arte da igreja. Atanásio e Hilário de Poitiers falam da salvação como resultado da encarnação do Filho eterno de Deus, cujo resultado é a glorificação da humanidade. Mas é com Agostinho que a doutrina da salvação chega ao seu ponto mais alto na patrística. Agostinho fala da salvação do ser humano como produto da revelação do amor de Deus. Jesus Cristo o único mediador entre Deus e os homens, manifestou por seu ensinamento e exemplo, como o ser humano pode encontrar a Deus. (DICIONÁRIO PATRÍSTICO, 2002, P.1310).

Na Idade Média, no período do escolasticismo, Tomás de Aquino (1225-1274) ressalta a pessoa de Jesus Cristo como o caminho para Deus. Porém, o elemento que domina o seu pensamento de soteriologia é o amor:

O amor de Deus, que determina a existência histórica de Cristo e nos conclama e move para corresponder-lhe em amor. A redenção está profundamente baseada no mistério do amor de Deus aos seres humanos e na radical e amorosa ligação de Cristo com os outros seres humanos. Jesus Cristo atua redentoramente sempre de tal modo que nos abre para a liberdade

da fé e do amor. Ele trilha a via caritatis (o caminho do amor) e a inaugura para nós. (SCHNEIDER, 2002, P. 331).

No final da Idade Média, época do nascimento de Gil Vicente, período que muito nos interessa, a doutrina da salvação estava sendo abordada em duas direções completamente distintas. O chamado caminho moderno defendia a idéia de que a salvação poderia ser conseguida pelos esforços humanos. Pois, “*a maior parte dos recursos necessários para a salvação eram inerentes à natureza humana*”. Bastava tão somente *dar o melhor de si* (MCGRATH, 2005, P. 73). A Universidade de Oxford foi o principal aliado a este movimento. A outra abordagem foi a escola agostiniana que surge em reação contrária ao caminho moderno, primeiramente por meio de Thomas Braswardine desenvolvidas na Inglaterra e depois por Gregório de Rimini em toda a Europa. A escola agostiniana contrária ao caminho moderno enfatizava que a salvação é obra exclusiva de Deus do início ao fim. (MCGRATH, 2005, P. 73).

2.1. A SALVAÇÃO NAS BARCAS

A partir deste sucinto esclarecimento da soteriologia, podemos ver como o poeta português estava imbuído destes conceitos, e, segundo o que lhe parecia correto o aplica em suas obras. No Auto da Barca do Inferno ensina-se que a salvação se dá por meio das obras, isto é, no viés do Caminho Moderno. No Auto do purgatório há um misto de salvação por graça e por obras e no Auto da Glória a salvação é tão somente pela graça redentora de Cristo.

Gil Vicente afirma que é o ser humano quem escolhe a maneira de viver e conseqüentemente de morrer: salvo ou perdido. Essa idéia permeia toda a sua obra. Portanto, a salvação é algo conquistado por meio de obras piedosas. Podemos ver a clareza desse conceito quando o Fidalgo se apresenta ao anjo que conduzirá seus passageiros ao paraíso e lhe pede que o deixe embarcar.

Este trecho apresenta uma série de erros cometidos pelo Fidalgo durante sua vida na terra que o impediram de embarcar rumo ao paraíso. Não somente praticou obras dignas de condenação, mas também deixou de realizar as obras piedosas para salvação. Isto, pensando em salvação por meio de obras.

No auto da barca do purgatório, o conceito vicentino de salvação está alicerçado no dogma católico de que há um lugar onde os mortos, antes de encontrar o estado de felicidade plena, são curados dos pecados cometidos após o batismo. Gil Vicente aponta o diabo como personagem principal, lutando para que não seja conduzido ninguém para lá. Pois, ir para o purgatório, é também ir para o paraíso algum tempo depois. Esta segunda cena da trilogia religiosa foi representada no ano 1518 nas manhãs do Natal. Nesta cena a embarcação do purgatório, representada por lavradores comerciantes e a regateira, (mulher que pechincha muito) chamada, Marta Gil. A questão principal é encenada por Marta Gil, que acusada pelo diabo,

declara os preços honestos, com alguns exageros provavelmente, a fim de demonstrar sua integridade.

Marta Gil Vendia minha lavrança,
 Hum ovo por dous reaes,
 Hum cabrito vinténs, não maes:
 Tendes vós isto em lembrança?
 Hum frangão por hum vintém,
 E hua galinha sessenta;
 E acertase também
 Que aas vezes vem alguém,
 Que as leva por setenta.

 E pêra que era agoa no leyte,
 Que deytavas, yeramaa?

 Mas azeyte:
 Ind' oje o elle diraa!
 Vistes ora o diabreyte!

Após este diálogo, Marta fica no purgatório junto com os lavradores. O diabo os deixa e vai embora cantando uma canção muito triste. (FREIRE, 1944, p. 126).

A parte final da trilogia de Gil Vicente, o Auto da Glória, foi encenada quatro meses depois em 22 de abril de 1519 na capela dos paços de Almeirim. Esta obra apresenta uma das maiores dificuldades do autor, por tratar dos homens de maior poder sobre a face da terra. O Papa, Cardeais, Arcebispos, Bispos, Imperadores, Reis, Duques, e Condes. A despeito de seus erros, pecados e imoralidades, Gil Vicente conclui com a salvação de todos eles.

Estas personagens apelam para os anjos que os deixem ir em seu barco, estes os desprezam. Então, aparece o próprio Cristo e reparte entre eles os remos das chagas, e os leva consigo. Esta cena custou a Gil Vicente a crítica de atribuir a Cristo grande injustiça, já que nas duas cenas anteriores, pessoas de menor influência não foram salvas.

Certamente, não trata o autor sobre a questão dos condenados terem pecado mais do que os salvos. Para ele, todos quantos pecaram irão perder-se. Não vejo com o mesmo ângulo de Freire, que a cena retrata apenas uma questão de bajulação dos poderosos da terra e, atribuição de injustiça intolerável a Cristo, único Rei dos reis, justo e verdadeiro em todos os seus caminhos, não foi o que o dramaturgo encenou. Entendo que Gil Vicente apresenta sua trilogia em graus ascendentes. Primeiro a barca que conduz seus passageiros para o inferno, depois ao purgatório e, em terceiro lugar, para o céu, independentemente de merecimento por parte do ser humano. Mostra de maneira vivaz os pecados de homens poderosos e que poucos na terra teriam coragem de fazê-lo. E que duas grandes verdades ele deseja que o mundo saiba. Primeiro, não há um único ser humano que não peque. E segundo, se há alguém salvo, este não o será por merecimento próprio. E sim por graça do Salvador. Lembrando que Gil Vicente só apresentará

este conceito de salvação unicamente pela graça de Cristo no Auto da Glória. Na trilogia, o conceito de salvação é de responsabilidade humana, e também pela graça de Deus. Cito agora partes do Auto da Barca da Glória citado pelo historiador Anselmo Braacamp em sua obra; Vida e Obras de Gil Vicente nas páginas 127 e 128.

Diabo Vuessa alteza vendrá aqui,
 Porque nunca cá senti
 Que aprovechasse aderência.
 Ni lisonjas, crer mentiras,
 Ni voluntário apetito,
 Ni puertos, ni aljeciras,
 Ni diamanes, ni çafiras,
 Sino solo aquesse espirito
 Seraa assado.
 Porque fuiste adorado
 Sin pensar serdes de tierra;
 Con los grandes alterado,
 De los chicos descuydado,
 Fulminando injusta guerra.

Domine Cardenalis,
Entre vuessa perminencia,
Ireis ver vuessos yguales
A las penas infernales,
Haziendo su penitencia.
Pues moristes
Ilorando porque no fuiste
Siquiera dos dias papa,
Y á Dios no agradecistes,
Viendo quan baxo os vistes
Y en después os dio tal capa.
Y no quiero declarar
Cosas mas pera dezir:
Determinad dembarcar,
Y luego sin dilatar,
Que no teneis que argoir.
Sois perdido,
Oys aquel gran roydo
Nel lago de los leones?
Despertad bien el oydo:
Vos sereis alli comido
De canes y de dragones.

Vejamos ainda um trecho do Auto da Glória, em que Gil Vicente faz críticas severas ao papa. A morte traz um papa, apresenta-o diante do diabo e diz:

(a morte) Vos, Padre sancto, pensastes

Ser immortal? Tal os vistes,
Nunca me considerastes,
Tanto en vos os enlevastes,
Que nunca me conocistes.

(o diabo) Venga vuesa sanctidad
En buen ora, padre Sancto,
Beatísima majestad
De tan alta dignidad,
Que moristes de quebranto.
Vos iréis,
En este batel que veis,
Comigo a Lucifer;
Y la mitara quitareis,
Y los pies le besareis;
Y esto luego ha de ser.

(o papa) Sabes tu que soy sagrado
Vicario en el sancto Templo?

(o diabo) Quanto mas de alto estado,
Tanto mas es obligado
Dar á todos buen exemplo,
Y ser llano,...

Nas duras críticas feitas aos poderosos da terra, mesmo que nesta encenação Cristo os leve para a glória, Gil Vicente demonstra sua imparcialidade e desejo de ver entre os homens, atitudes coerentes com suas funções. Ao rei foram dirigidas duras críticas em relação às luxúrias, apetite por riquezas, permissão em ser adorado e fazer guerras injustas. Ao Cardeal pesava o desejo de ser papa, sem agradecer a Deus por já ser um Cardeal. Pecado este merecedor de sofrer as penas infernais, e ser comido por cães e dragões. Quanto ao papa, recebeu duras críticas por não se achar mortal como qualquer outro homem. Não dar bons exemplos de santidade, ser mundano, viver em luxúria e usar de simonia. Gil Vicente o condena com as seguintes palavras: “*Vos yreis, en este batel que veis, comigo a Lúçifer; y la mitara quitareis, y los pies le besareis; y esto luego há de ser*”. (FREIRE, 1944, p. 128).

Conclusão

Gil Vicente é um vulto de destaque na história de Portugal, conhecido, salvo engano, em quase todas as culturas do mundo moderno. A criação do teatro português o fez homem de singular importância para o seu país. Antonio José Saraiva, historiador e admirador de Gil Vicente, afirma que, passados quatrocentos anos da fundação do teatro português, “*Gil Vicente continua a ser, não só relativamente à sua época, mas em absoluto, a grande personalidade do teatro português, a única pela qual merecemos figurar numa história mundial do teatro*” (SARAIVA, 1970, p. 12).

Não há dúvidas quanto a contribuição de Gil Vicente para a cultura de seu país, bem como ao restante do mundo. Entretanto, vale ressaltar que a despeito de seus conhecimentos em vários segmentos culturais, ele não foi um teólogo, portanto, seu conceito de salvação em suas obras são frutos do conhecimento de um homem do povo, dedicado a sua religião e observador dos costumes da moral e da vida religiosa de seu povo. Não via com bons olhos os erros cometidos pelos mestres clericais. Semelhantemente muitos, também hoje, não estão satisfeitos com os abusos do protestantismo moderno por meio de suas lideranças, tanto é assim que o demonstram em seus escritos, na expectativa de que haja uma mudança de comportamentos entre muitos que se intitulam pastores, mestres, bispos, apóstolos, etc. Gil Vicente o fez por meio da dramaturgia.